

CHARLES DICKENS

A CASA SOMBRIA

Introdução de G. K. Chesterton

Traduzido do inglês (Reino Unido)
por Mário Domingues

Traduções complementares
por Helder Guégués

Ilustrações de
Hablot K. Browne «Phiz»



I

Na Chancelaria

Londres. Principiou há pouco o período de sessões nos tribunais após o São Miguel. O lorde chanceler preside a uma delas em Lincoln's Inn Hall. Implacável tempo de Novembro. Nas ruas há tanta lama como se as águas acabassem de retirar-se da superfície da terra; não seria de estranhar se topássemos com um megalossauro de quarenta pés de comprimento, a patinhar qual elefantiaco lagarto por uma colina de Holborn acima. Desce o fumo das chaminés, formando uma suave neblina negra, com flores de fuligem do tamanho de um floco de neve em pleno desenvolvimento... de um floco de neve que se tivesse vestido de luto, poder-se-ia imaginar, pela morte do Sol. De tão enlameados, os cães nem parecem cães. Os cavalos não aparentam muito melhor, porque os salpicos de barro chegam-lhes até aos antolhos. Os peões entrechocam os guarda-chuvas uns com os outros, num geral contágio de mau humor.

Névoa por toda a parte. Névoa pelo rio acima, por entre verdes ilhotas e pradarias. Névoa rio abaixo, ondeando entre as filas de embarcações e viciada pelos contágios de uma cidade grande e suja, que se estende à beira da água. Névoa nos pântanos de Essex, névoa nas eminências de Kent, névoa roçando pelas chaminés dos barcos carvoeiros, névoa espalhada pelos molhes, flutuando entre a mastreação dos grandes navios. Pessoas que deambulam ao acaso pelas pontes, debruçando-se dos parapeitos para um céu inferior de névoa, enquanto a névoa os envolve a todos, como se estivessem suspensos de um globo e pendurados em nuvens de bruma.

Aqui e além, assoma nas ruas a luz do gás por entre a névoa, como dos campos encharcados o lavrador e o moço do arado poderiam ver

assomar o sol. A maior parte das lojas acendeu as luzes com duas horas de antecedência... e os lampiões de gás, parecendo notá-lo, olham-nos com rancor e má vontade.

Mas a tarde agreste é ainda mais agreste, o denso nevoeiro é ainda mais denso e as ruas lamacentas são-no ainda mais, nas proximidades daquele velho obstáculo de cabeça cor de chumbo, adorno apropriado no umbral de uma plúmbea instituição: Temple Bar. E precisamente ao lado de Temple Bar, em Lincoln's Inn Hall, mesmo no coração da névoa, o lorde chanceler preside ao Tribunal Supremo da Chancelaria.

Nunca o nevoeiro será bastante espesso, nunca o barro e a lama terão suficiente profundidade para estar ao nível da cerração e das dificuldades por que hoje passa este Tribunal Supremo da Chancelaria, o mais nauseante de todos os velhos pecadores, à face do céu e da terra.

Em semelhante tarde, ou nunca, o lorde chanceler devia presidir... e no entanto, preside, realmente... com uma auréola de bruma em torno da cabeça, suavemente rodeado de panejamentos e cortinados escarlates, enquanto lhe dirige a palavra um advogado volumoso, de grandes patilhas, voz abaritonada. Pronuncia uma alegação interminável, com sua atenção concentrada na teia de aranha do tecto, de onde não se pode ver outra coisa senão névoa. Numa tarde como esta, deve encontrar-se ali uma vintena de membros do Tribunal Supremo da Chancelaria... e encontram-se, realmente... confusamente atarefados numa das dez mil fases de um processo interminável; com as cabeças acolchoadas de perucas de pêlo de cabra e de cavalo, e a fingirem imparcialidade nos seus rostos graves, como o poderia fazer um jogador. E numa tarde como esta deviam encontrar-se ali... E acaso não se encontram?... Os distintos procuradores da causa, dois ou três dentre eles herdaram a procuração de seus pais, que enriqueceram com ela; ali se encontram, realmente, alinhados dentro de uma cisterna almofadada (mas seria inútil procurar a Verdade no fundo da mesma), entre a mesa vermelha do escrivão e as togas de seda, e empilhados diante deles, requerimentos, contra-requerimentos, contestações, réplicas, interditos, declarações juradas, inquéritos, referências a mestres de Direito, pareceres de peritos e verdadeiras montanhas de caríssimas loucuras.

Razão há para que a sala esteja em penumbra, com velas a consumir-se aqui e além; razão há para que a névoa flutue pesadamente ali dentro, como se nunca de lá saísse; razão há para que os vidros coloridos das janelas não deixem passar a luz do dia para o interior;



ÁTRIO DE LINCOLN'S INN

razão há para que os não iniciados que vêm da rua e espreitam através dos vidros da porta se sintam receosos de entrar. É este o Tribunal da Chancelaria! Possui casas em ruínas e terras incultas em todos os condados; tem loucos macilentos em todos os manicômios; tem mortos em todos cemitérios; tem litigantes arruinados, de tacões cambados e roupas puídas, que pedem dinheiro emprestado ou esmola, uma após outra, a todos os seus conhecidos; dá ao poderoso com dinheiro meios abundantes para obrigar quem tem razão a desistir por cansaço; esgota as finanças, a paciência e a esperança; aniquila o cérebro e destroça o coração de tal maneira que não existe entre os que frequentam um homem honrado que não diga... e que frequentemente não dê este conselho: «Suporte qualquer prejuízo que lhe causem, mas não venha aqui!»

E nesta tarde soturna, quem se encontra na sala do lorde chanceler, além deste, do advogado da causa, de dois ou três advogados que nunca têm causa alguma e da cisterna dos procuradores que atrás mencionámos? Abaixo do juiz, com peruca e beca, o escrivão; e dois ou três maceiros, ordenanças, contadores ou coisa parecida, envergando indumentária própria dos tribunais de justiça. Todos eles bocejam, porque de Jarndyce e Jarndyce (a causa que se está julgando e que se tem espremido durante anos após anos até deixá-la seca) não pode esperar-se a mais leve nota de diversão. Quando o tribunal aborda o processo Jarndyce e Jarndyce, os taquígrafos, os repórteres do tribunal e os informadores dos jornais fogem da sala imediatamente com o resto dos espectadores assíduos. Os seus lugares ficam vazios. De pé, num lugar lateral da sala, para melhor poder observar o interior do santuário, está uma velhinha demente; usa um chapéu disparatado e acha-se constantemente na sala, desde que abre até que fecha a sessão, sempre animada da esperança de que em qualquer momento se pronuncie uma incompreensível sentença em seu favor. Há quem diga que, realmente, é ou foi parte em juízo; mas ninguém o sabe ao certo, porque a ninguém interessa. Traz no seu saco de mão um molhinho de farrapos que, segundo diz, são os seus documentos, e consistem principalmente em aparas de papel e alfazema seca. Pela sexta vez, trouxeram sob custódia um preso macilento, para pedir pessoalmente que o libem da acusação de desobediência aos tribunais, coisa difícil de conseguir, porque se trata do último executante testamentário sobrevivente, que se enleou numa série de contas em que não se sabe se alguma vez interveio. Outro litigante arruinado, que se apresenta



CHANCERY LANE

periodicamente, vindo de Shropshire, e que faz toda a espécie de esforços para falar com o chanceler, que lhe vem destroçando a vida, desde os vinte e cinco anos, e até ignora a sua existência, coloca-se num bom lugar, disposto a gritar «Senhor!», com voz queixosa e sonora, quando o vir levantar-se. Ficam na sala alguns advogados ociosos e outras pessoas que conhecem de vista este litigante, com a esperança de assistir a uma pequena cena que dê um pouco de alegria a um dia tão triste.

Jarndyce e Jarndyce continua a zumbir. Este pleito fantasmagórico complicou-se de tal maneira no decurso do tempo, que não há pessoa viva que saiba em que consiste, realmente. Os próprios litigantes é quem menos o entende. São inúmeros os mortais que entraram como partes da causa ao nascer; são inúmeros os que mudaram de estado civil na causa, casando-se; são inúmeros os que desapareceram da causa, ao morrerem de velhos. Dezenas de pessoas viram-se, num acesso de desvario, implicadas em parte no processo Jarndyce e Jarndyce, sem saberem como nem porquê; famílias inteiras herdaram rancores lendários ao mesmo tempo que o pleito. O querelante ou querelado a quem se prometeu em criança um novo cavalo de balouço quando terminasse o pleito Jarndyce e Jarndyce cresceu, comprou um cavalo de carne e osso e saiu deste mundo ao trote de outros cavalos. Lindas pupilas, colocadas sob a jurisdição do tribunal, foram decaindo até se converterem em mães e avós; uma longa procissão de chanceleres chegou e foi-se embora; a legião de escritos dirigidos ao tribunal veio a transformar-se em meras certidões de óbito; talvez já não restem três Jarndyces neste mundo, depois de Tom Jarndyce que, desesperado, estoirou os miolos num café de Chancery Lane; mas o processo Jarndyce e Jarndyce continua a arrastar no tribunal a sua espantosa longevidade, numa eterna desesperança.

Jarndyce e Jarndyce converteu-se em assunto de chacota. Todos os chanceleres que passaram pelo cargo tiveram alguma intervenção no processo, quando não eram senão advogados em exercício. Decanos do Colégio de Advogados, homens já idosos, disseram coisas muito espirituosas acerca do mesmo, reunidos em comité selecto para beber vinho do Porto depois de um banquete no salão. Os escreventes, em contrato de aprendizagem, acostumaram-se a alimentar o seu saber legal neste processo. O último chanceler teve uma boa saída quando, ao corrigir o eminente causídico Blowers, que dissera que determinada coisa sucederia quando chovessem batatas do céu, lhe disse

«ou quando dermos por terminado o pleito de Jarndyce e Jarndyce, Sr. Blowers»; chiste este que muito divertiu maceiros, ordenanças e outros subalternos.

Questão de muita amplitude seria metermo-nos a registar quantos dos intervenientes mergulharam as suas mãos impuras em tarefas de espoliação e corrupção. Desde o professor de Direito que fez encher resmas de éditos do pleito Jarndyce e Jarndyce, ao copista das Repartições dos Seis Escreventes, que copiou os seus dez mil fólhos de formato chancelaria, nenhuma influência benéfica exerceu sobre a natureza de qualquer homem. É possível que até os próprios rapazes dos escritórios dos procuradores, que têm tido a missão de afastar os litigantes, prestando inúmeras vezes que Fulano ou Cicrano, ou outro do mesmo género, está neste momento muito ocupado ou tem todas as suas horas comprometidas até ao meio-dia, é possível, dizíamos, que até esses tenham adquirido alguma manha moral ou algum novo embuste de que lançar mão a propósito do processo Jarndyce e Jarndyce. A intrujice e a burla em todas as suas variedades foram espalhadas a esmo pelo desventurado pleito. Ainda aqueles que puderam, do lado exterior, assistir ao desenvolvimento de semelhante insensatez se deixaram invadir insensivelmente por certo critério de lassidão para deixarem as coisas más seguirem o seu curso maléfico sem intervirem nelas, e por certa frouxidão de consciência que os persuadia de que, se as coisas do mundo marchavam mal, era porque nunca se calculou previamente que marchassem bem.

Assim, pois, se instala o lorde chanceler no seu Tribunal Supremo da Chancelaria, no meio da lama e no coração da névoa.

— Sr. Tangle — diz o lorde chanceler, que nos últimos momentos se mostra um pouco inquieto perante a eloquência de tão douto cavalheiro.

— Milorde — responde Tangle, que, mais do que ninguém conhece o processo Jarndyce e Jarndyce. Este conhecimento deu-lhe celebridade, porque não leu outra coisa desde que saiu da escola.

— Falta-lhe muito para pôr termo às suas alegações?

— Não, milorde... só alguns pontos... que me julgo obrigado a submeter a Vossa Senhoria — é a resposta de Tangle.

— Depreendo que ainda hão-de ser ouvidos vários senhores advogados, não é assim? — diz o chanceler, sorrindo.

Dezoito doutos amigos de Tangle, armados cada um de um leve sumário de mil e oitocentas folhas, levantam-se como dezoito martelos

de um piano, fazem dezoito medidas e deixam-se cair nos seus dezoito lugares, sumidos na obscuridade.

— Continuaremos os informes quarta-feira, de hoje a quinze dias — diz o chanceler. — A questão que se apresenta é uma questão de custas, um simples rebento da árvore corpulenta do pleito principal, e ficará perfeitamente regulada sem grande demora.

O chanceler levanta-se; os advogados levantam-se; faz-se avançar precipitadamente o preso; o homem de Shropshire grita:

— Milorde!...

Maceiros, ordenanças e subalternos, indignados, reclamam silêncio e fitam, carrancudos, o homem de Shropshire.

O chanceler, sempre no pleito Jarndyce e Jarndyce, prossegue:

— Com referência à jovem...

— Com perdão de Vossa Senhoria... ao jovem! — atreve-se a dizer Tangle.

— Com referência — prossegue o chanceler, com mais nitidez — à jovem e ao jovem, aos dois jovens... — (Tangle sente-se esmagado) — a quem dei ordem para se apresentarem hoje e que se encontram neste momento no meu gabinete particular, avistar-me-ei com eles para ver se se pode dar ordem para que residam em companhia de seu tio.

Tangle sente-se forte novamente.

— Com perdão de Vossa Senhoria... o tio morreu.

O chanceler pôs os óculos, folheou os papéis que tinha em cima da mesa e disse:

— Com seu avô.

— Com perdão de Vossa Senhoria... morreu de morte violenta: estoirou os miolos.

Ergue-se de súbito do fundo da névoa, muito inchado, um advogado de baixa estatura, mas com uma voz de baixo que causa calafrios, e diz:

— Vossa Senhoria dá-me licença? Eu represento a pessoa em questão. É um primo, um primo afastado. De momento, não disponho de dados para precisar o grau exacto do parentesco, mas é primo.

O advogado pequenino some-se no seu assento, enquanto o vigaamento do tecto vibra com o seu discurso, pronunciado em voz sepulcral. A névoa oculta-o todo. Os circunstantes procuram-no com a vista. Ninguém consegue descobri-lo.

— Falarei com os dois jovens — proferiu de novo o chanceler — e verei se concordam em residir com o seu primo. Amanhã de manhã, quando ocupar o meu lugar, darei a conhecer a minha decisão.

Já o chanceler ia a saudar os advogados com uma inclinação de cabeça, quando lhe apresentaram o preso. Dos equívocos que um preso tenha cometido não pode sair outra coisa senão que o devolvam ao cárcere; assim se fez sem demora. O homem de Shropshire arriscou outro «Milorde!» de censura, mas o chanceler, que já notara a sua presença, desapareceu habilmente. Todos os outros se evaporaram, também, com rapidez. Carregou-se pesadamente de papéis uma bateria de caixotes azuis que os escreventes levaram; a velhinha demente sai da sala, levando os seus. Uma vez vazia a sala, procede-se ao seu encerramento. Quanto não ganhariam outros litigantes, além de Jarndyce e Jarndyce, se ao fecharem-se aquelas portas se pudessem encerrar lá dentro todas as injustiças que o tribunal provocou e todas as dores que causou, deitando fogo a tudo numa grande pira funerária!

II

No mundo da elegância

Nesta mesma tarde lamacenta, desejamos também lançar uma vista pelo mundo da elegância. Não é esta tão diferente da do Tribunal da Chancelaria que não possamos passar de um cenário ao outro num voo de corvo. Tanto o mundo da elegância como o Tribunal da Chancelaria são coisas de precedente e de costume; Rip Van Winkles que dormem demasiado e que se entretiveram em jogos estranhos durante longo tempo; belas adormecidas que, um dia, quando as sertãs na cozinha começarem a girar prodigiosamente, o cavaleiro despertará!

O da elegância não é um mundo mais extenso. Em relação a este nosso mundo (como sua alteza o descobrirá, quando tiver dado a volta ao mesmo e se vir à beira do vácuo do mais além), não passa de uma simples manchazinha. Há nesse mundo muito de bom; fazem parte dele muitas pessoas boas e leais. O mal do caso é que se trata de um mundo envolto numa quantidade excessiva de algodões de joalheria e de fina lã, e por isso não pode ouvir a marcha precipitada dos outros mundos maiores, nem tão-pouco pode vê-los no seu giro em volta do Sol. É um mundo amortecido, e que às vezes cresce de um modo insano por falta de ar.

Lady Dedlock voltou à sua casa de Londres para ali passar alguns dias, antes de seguir para Paris, onde sua senhoria se propõe passar várias semanas; o que fará depois não se sabe ao certo. O noticiário do mundo elegante assim o diz, para tranquilidade dos parisienses, e esse noticiário sabe todas as coisas elegantes. Lady Dedlock permaneceu fora de Londres, em Lincolnshire, no que ela, falando familiarmente, chama a sua «quinta». Em Lincolnshire, houve cheias. Um arco da ponte do parque foi arrastado pelas águas. Os baixos terrenos adjacentes, em cerca de uma milha de largura, formam um rio parado, com ilhas constituídas por árvores melancólicas e toda a sua superfície ponteadas pela chuva que cai durante o dia inteiro. A «quinta» de Lady Dedlock tornara-se, pois, extraordinariamente triste. O panorama, visto das janelas de Lady Dedlock, é alternadamente cor de chumbo e cor de tinta-da-china. Os jarrões do terraço de pedra que há no primeiro andar recolhem água durante todo o dia; e durante toda a noite caem gotas pesadas — plop, plop, plop — no solo de amplas lajes do que, desde velhos tempos, se conhece pelo nome de Passeio do Fantasma. A igreja que existe no parque cheira a bafio aos domingos; o púlpito de carvalho transpira na superfície um suor frio; e nota-se por toda a parte um cheiro e um sabor como que dos antigos Dedlocks que jazem nos seus túmulos. Lady Dedlock, que não tem filhos, contempla do seu toucador, quando começa o crepúsculo, a casa de um dos guardas, vê a luz do lume interior através das gelosias, observa como sai o fumo da chaminé, e como um garoto sai pela porta, fugindo a uma mulher, e corre sob a chuva ao encontro da figura reluzente de um homem bem envolto no seu impermeável. Tudo isto a irrita. E Lady Dedlock diz que experimenta um tédio mortal.

Por isso, Lady Dedlock retirou-se da sua «quinta» de Lincolnshire, deixando-a abandonada à chuva, aos corvos, aos coelhos, aos veados, às perdizes e aos faisões. Quando a governanta passou pelos velhos compartimentos, fechando os postigos das janelas, os retratos dos Dedlocks antepassados e desaparecidos davam a impressão de que, de tão aborrecidos, se sepultavam nas paredes.

Sir Leicester Dedlock não é mais do que baronete, mas o mais poderoso de todos os baronetes. A sua família é tão antiga como as colinas da região e infinitamente mais respeitável. Ele, por seu turno, julga que o mundo poderia subsistir sem colinas, mas que acabaria se lhe faltassem os Dedlocks. É um cavalheiro de consciência rigorosa, que olha com desdém tudo o que é pequeno e ruim, e que está disposto,

sem prévio aviso, a morrer de qualquer morte, antes que façam o mais leve reparo à sua integridade. É um homem de honra, obstinado, leal, animoso, cheio de rígidos preconceitos e absolutamente desarrazoado.

Sir Leicester é vinte largos anos mais velho do que sua esposa. Não fará outra vez os sessenta e cinco, e talvez nem os sessenta e seis e sessenta e sete. Tem de vez em quando um ataque de gota, e caminha com certa rigidez. É homem de aspecto digno, cabelo e patilhas brancas, camisa com folhos, colete de alvura imaculada e labita azul com botões brilhantes sempre abotoados. É homem cerimonioso, majestoso, que apura sempre a sua cortesia com *milady*, e que aprecia no mais alto grau os seus atractivos pessoais. A única pincelada romântica que nele existe é a sua galantaria para com a esposa, que é a mesma desde os tempos em que lhe fez namoro.

Sim; casou com ela por amor. Até se murmura que ela nem sequer tinha família; de qualquer modo, Sir Leicester tinha-a em tal quantidade, que talvez a sua lhe bastasse e pudesse passar sem outra. Em contrapartida, ela possuía beleza, orgulho, ambição, decisão insolente e cabeça bastante para prover de juízo uma legião de damas formosas. A riqueza e a posição social, associadas a estas qualidades, não tardaram em guindá-la muito alto; e vai já para muitos anos que Lady Dedlock figura no centro do noticiário elegante e na copa da árvore das elegâncias.

Todos sabem — ou têm pelo menos razões para o saberem, porque se falou bastante no assunto — como Alexandre chorou, ao ver que não tinha mais mundos para conquistar. Lady Dedlock, depois de conquistar o seu mundo, caiu, não numa tristeza, mas numa espécie de congelação. Os troféus da sua vitória são uma serenidade de esgotamento, uma placidez de fadiga, uma equanimidade de cansaço, que nenhum interesse nem satisfação conseguem encrespar. De uma educação requintada, se fosse possível transplantada amanhã para o céu, pode-se ter a certeza de que não trairia sinal algum de encantamento.

Ainda se mantém formosa, e embora não esteja no seu apogeu, tão-pouco entrou no seu outono. O rosto é muito distinto. Na mocidade, dir-se-ia pertencer mais ao género dos bonitos, e não dos formosos. Mas, ao adquirir a linha da sua condição de mulher do grande mundo, foi ganhando em classicismo. A sua figura esbelta produz o efeito de ser uma mulher alta. Não porque o seja, mas porque, segundo várias vezes o afirmou o ilustre Bob Stables, destaca ao máximo todas as suas qualidades. Esta mesma autorizada opinião faz notar que se encontra

perfeitamente adornada e afirma, elogiando principalmente os seus cabelos, que é a mulher mais bem «ajazada de toda a cocheira».

Ajoujada com todas as suas perfeições, Lady Dedlock chegou a Londres, vinda da sua quinta de Lincolnshire (vivamente perseguida pelo noticiário elegante), para passar alguns dias antes de seguir para Paris, onde sua senhoria se propõe permanecer umas semanas, sem que se saiba para onde irá depois. Por essa tarde de lama e nevoeiro, apresenta-se, na sua casa da capital, um cavalheiro idoso e antiquado, procurador dos tribunais e solicitador do Supremo Tribunal da Chancelaria, que tem a honra de exercer as funções de conselheiro legal dos Dedlocks, e em cujos escritórios se vêem tantos arquivos de ferro que ostentam este nome pela parte de fora, como se o actual baronete fosse a moeda do prestigeador que o estivesse manuseando em todas as sortes. Um Mercúrio empoado conduz o ancião à presença de *milady*, atravessando o vestíbulo, subindo a escada, por corredores, por salões que se encontram brilhantíssimos durante a estação, mas tristíssimos fora dela... país de fadas, para quem o visita, mas deserto para nele se viver.

O cavalheiro idoso veste com grande desleixo, embora goze a fama de ter ganho bom dinheiro intervindo em contratos matrimoniais aristocráticos e em aristocráticos testamentos. Cerca-o uma aura misteriosa de confidências de famílias, das quais se sabe ser silencioso depositário. É possível que os nobres mausoléus, há séculos enraizados em retiradas clareiras de parques, entre bosques e relvas, encerrem menor quantidade de nobres segredos do que os que passeiam por este mundo encerrados no peito de Tulkinghorn. Pertence este ao que chamam a velha escola (frase com que geralmente se costuma dar a entender uma escola que nunca foi jovem) e veste calção até ao joelho, atado com fitas, e polainas ou meias. Uma peculiaridade das suas roupas negras e das suas meias pretas consiste em que nunca brilham, quer sejam de seda ou de lã. A sua indumentária é como a sua pessoa: muda, hermética, sem resposta a coisa alguma. Nunca fala com ninguém, desde que não se trate de uma consulta pessoal que lhe façam. Às vezes, encontram-no silencioso, mas à sua vontade, a um dos cantos da mesa de jantar das grandes residências campestres, ou junto das portas dos salões de que o noticiário elegante se mostra mais prolixo; todos os circunstantes parecem conhecê-lo, e metade dos casais detém-se para lhe dizer: «Como está, Sr. Tulkinghorn?» Ele recebe tais saudações com gravidade, e sepulta-as com o resto das coisas que sabe.

Com *milady* encontra-se Sir Leicester Dedlock, que se alegra de ver Tulkinghorn. Rodeia este uma atmosfera de receita de médico, que sempre agrada a Sir Leicester, porque o considera uma espécie de homenagem à sua pessoa. Agrada-lhe a maneira que Tulkinghorn tem de vestir; também vê nisso uma espécie de homenagem. Resulta extraordinariamente respeitável e, além disso, tem qualquer coisa de servil. É a que corresponde, como diríamos, ao despenseiro dos mistérios legais, ao copeiro da adega legal dos Dedlocks.

Tem Tulkinghorn alguma suspeita disto? Pode ser que sim, pode ser que não. Há, contudo, uma circunstância notável que merece ser posta em relevo em referência a quantos lidam com Lady Dedlock na sua qualidade de difícil, britânico, constitucional. Claro está que para ele não é de vital importância o processo em questão, embora a parte que sua esposa tem no mesmo seja a única riqueza que trouxe ao matrimônio; além disso, tem a confusa impressão de que se trata de um incidente ridículo o seu apelido, o apelido Dedlock, figurar num pleito sem estar em primeiro plano. Mas Sir Leicester considera o Tribunal da Chancelaria uma instituição disposta, juntamente com uma variedade de outras instituições, pelo *summum* da sabedoria humana, para o arrumo eterno — falando em termos humanos — de todas as coisas. Em suma, tem o critério fixo de que sancionar com a sua presença qualquer queixa contra essa instituição seria dar ânimo a alguma pessoa das classes baixas para se elevar em qualquer parte... como Wat Tyler.

Tulkinghorn disse:

— Juntaram-se ao processo algumas declarações juradas, e como se trata de documentos pouco extensos e eu me guio pelo princípio de permitir-me pôr os meus clientes ao corrente de tudo o que ocorre no pleito... — Tulkinghorn, homem prudente, não gosta de arcar com mais responsabilidades do que a indispensável — e, além disso, como soube que seguem para Paris, trouxe os documentos no bolso.

Tulkinghorn saca dos documentos, pede licença para os colocar numa mesinha que é um talismã de ouro; junto do cotovelo de *milady* põe os óculos e começa a ler à claridade de uma lâmpada com quebra-luz.

— «Na Chancelaria. Entre John Jarndyce...»

Milady interrompe-o, pedindo-lhe que passe por alto todas as fórmulas horríveis que seja possível.

Tulkinghorn olha por cima dos óculos e começa de novo, bastante mais abaixo. *Milady* concentra-se, numa atenção descuidada e desdenhosa. Sentado num cadeirão, Sir Leicester contempla o lume e mostra um majestático agrado pelas repetições e prolixidades legais, como se elas constituíssem baluartes da nação. Ao mudar de posição, *milady* vê os documentos em cima da mesa. Aproxima-se para os ver mais de perto, ainda de mais perto, pergunta impulsivamente:

— Quem fez estas cópias?

Tulkinghorn detém-se de chofre, surpreendido pela excitação de *milady* e pela estranheza do seu tom. Mas já ela, encarando-o com o seu ar indiferente, pergunta:

— É a isso que chamam o tipo de letra legal?

— Não completamente — responde Tulkinghorn. — É provável que o carácter legal só o passasse a ser depois de ter sido criado. Porque o pergunta?

— Só para variar um pouco esta odiosa monotonia. Continue, continue!

Tulkinghorn volta a ler. Sir Leicester, que dormita, desperta de súbito e exclama:

— Eh! Que diz?

— Digo que desconfio de que Lady Dedlock se encontra maldisposta — diz Tulkinghorn, que se levanta rapidamente.

— Desmaiada, nada mais — murmura *milady*, com os lábios exangues; exactamente como o desmaio da morte. — Não me falem. Toquem a campainha e levem-me para o meu quarto.

Tulkinghorn retira-se para outra sala; retinem campainhas, ouvem-se passos e pés que se arrastam; depois produz-se silêncio. Finalmente, Mercúrio suplica a Tulkinghorn que se digne voltar. Sir Leicester indica ao homem de leis uma cadeira e pede-lhe que leia só para ele.

— Já está melhor. Alarimei-me muito. Nunca vira *Milady* desmaiada. Mas este tempo está muito doentio... e a verdade é que ela se aborreceu mortalmente na nossa quinta de Lincolnshire.

III

Um progresso

Torna-se-me muito doloroso começar a escrever a parte que me cabe nestas páginas, porque sei que não sou inteligente. Sempre o soube. Recordo-me de que, sendo ainda muito criança, costumava dizer à minha boneca, quando estávamos ambas sós: «E agora, bonequinha, como eu não sou inteligente, e isso é uma coisa que tu sabes muito bem, é preciso que me atures com paciência, como um encanto de boneca que tu és.» E ela estava sentada, muito direita no seu cadeirão de braços, com o rosto formoso e os lábios rosados, olhando-me fixamente, ou antes, julgo que sem olhar coisa nenhuma, enquanto eu cosia, cosia, e lhe contava todos os meus segredos.

Minha velha e querida boneca! Eu era uma criaturinha tão envergonhada, que raras vezes despregava os lábios e nunca me atrevia a abrir o meu coração diante de ninguém. Quase me dá vontade de chorar, ao pensar na grande consolação que experimentava, quando vinha para casa depois do dia escolar, correndo pela escada acima até ao meu quarto, e exclamava: «Eu bem sabia, minha boneca fiel, que estarias à minha espera!» E depois sentava-me no chão, apoiando o cotovelo no seu cadeirão, para lhe contar tudo quanto vira desde que nos separáramos. Eu fixava tudo o que se passava na minha frente. Não era uma maneira rápida de tudo observar, mas antes uma maneira silenciosa, pensando quanto gostaria de compreender melhor. Não sou de compreensão rápida. O meu entendimento parece iluminar-se quando amo enternecidamente uma pessoa. Mas esta opinião talvez não passe de vaidade minha.

Desde os mais recuados tempos que a minha memória alcança, foi sempre minha madrinha quem me criou... como a certas princesas dos contos de fadas, embora eu nada tenha de encantadora. Pelo menos, eu tomava-a por madrinha. Era uma mulher bondosa, muito bondosa. Aos domingos, ia três vezes à igreja, às quartas e sextas acorria às orações da manhã, e não faltava a prédica alguma. Era uma mulher formosa; se tivesse sabido sorrir, teria sido — pensava eu — tal como um anjo; mas nunca sorria. Mostrava-se sempre séria e severa. Eu dizia a mim própria que, sendo ela tão boa, era com certeza a maldade dos outros que a mantinha toda a vida de sobrececho carregado. Entristecia-me

pensar quão bondosa ela era e quão indigna dela era eu; e ansiava por possuir um coração melhor. E acerca de tudo isto conversava muitas vezes com a minha querida boneca. Mas a verdade é que nunca amei minha madrinha tanto quanto devia amá-la e como me parecia que o deveria fazer, se fosse melhor rapariga.

Creio que isto me tornou ainda mais tímida e retraída do que já o era por natureza, e que me lancei nos braços da minha boneca por ser a única amiga com quem me sentia completamente à vontade. Mas, quando eu era ainda muito pequena, aconteceu alguma coisa que muito contribuiu para isso.

Eu nunca ouvira falar da minha mamã. Que me recordasse, nunca usara um vestido preto. Mais de uma vez abordara este tema das minhas preocupações com a senhora Raquel (outra mulher muito bondosa, mas muito severa comigo), que era quem me retirava a luz, quando eu estava deitada; e a única coisa que me respondera fora: «Boa noite, Esther», saindo e deixando-me só.

Embora na escola próxima, da qual eu era meio pensionista, houvesse sete meninas, e embora me tratassem pela sua pequena Esther Summerson, nunca fora a casa de nenhuma delas. Todas tinham mais idade do que eu, portanto, era muito mais pequena do que elas; mas parecia existir entre nós uma outra separação, além da diferença de idade e de que elas eram muito mais inteligentes e sabiam muito mais do que eu. Durante a primeira semana da minha frequência da escola (recordo-o perfeitamente), uma delas convidou-me para uma pequena reunião em sua casa, com grande regozijo meu. Mas minha madrinha escreveu uma carta muito seca, a declinar o convite em meu nome. De modo que não cheguei a ir.

Chegou o dia dos meus anos. Quando as outras os faziam, costumava haver feriado na escola; mas não houve no meu. Quando as outras faziam anos, costumavam fazer festa em sua casa, eu sabia-o pelo que as raparigas contavam umas às outras; mas nos meus nada se fazia. O dia do meu aniversário, em minha casa, era o mais triste do ano.

Já disse que o meu entendimento trabalha com maior actividade quando o meu afecto se sente estimulado. Sou de temperamento muito afectivo. Se fosse possível receber mais de uma vez uma ferida como a que experimentei no dia do meu aniversário, talvez ainda hoje sentisse a sua dor com a mesma intensidade de então.

A minha madrinha e eu tínhamos acabado de comer e estávamos sentadas à mesa diante do lume. Ouvia-se o tiquetaque do relógio e

o crepitar do fogo. Havia não sei quanto tempo que não se ouvia em casa, ou no compartimento, outros ruídos senão aqueles. Aconteceu levantar timidamente a cabeça da minha costura para olhar minha madrinha, que estava do outro lado da mesa. Ela contemplava-me com expressão sombria, e o que li no seu rosto foi isto: «Mais valera, Estherzinha, que nunca chegasses a fazer anos! Melhor fora que nunca tivesses nascido!»

Desatei a chorar e a soluçar, e disse:

— Querida madrinha: diga-me, por favor, minha mãe morreu no dia em que eu nasci?

— Não — respondeu ela. — E não perguntes mais nada!

— Por favor, fale-me um pouco dela! Suplico-lhe, querida madrinha, fale-me dela, agora. Que mal lhe fiz eu? Como a perdi? Porque sou eu tão diferente de todas as outras meninas, e que culpa tenho eu disso, madrinha? Não, não se vá embora. Fale-me!

O receio de que me sentia possuída era superior à minha dor; agarrei-me ao seu vestido e ajoelhei-me diante dela. Até esse momento não fizera senão repetir: «Deixa-me!» Mas de súbito calou-se.

O seu rosto sombrio exercia em mim uma tal força, que cortou cerce a violência da minha súplica. Ergui a minha mãozita trémula para agarrar a sua ou para lhe pedir perdão com toda a ansiedade de que era capaz, mas retirei-a, ao observar o seu olhar, e levei-a ao meu coração destroçado. Levantou-me do chão, sentou-se na sua cadeira e, tendo-me de pé à sua frente, disse-me com voz lenta, fria e baixa. Ainda estou a ver o seu sobrolho franzido e o seu dedo acusador.

— Tua mãe, Esther, é a tua vergonha e tu foste a sua. Não tardará muito que venha o dia em que o percebas melhor e que o sintas, como só uma mulher o pode sentir. Eu perdoei-lhe o dano que me fez — mas o seu rosto não se abrandou — e não quero falar mais nisso; mas foi muito maior do que nunca o saberás, muito maior do que alguém o poderá saber, excepto eu, que o sofri. Quanto a ti, rapariga desgraçada, órfã e desonrada desde o primeiro destes desventurados aniversários, roga a Deus todos os dias para que não caiam sobre a tua cabeça os castigos dos pecados alheios, segundo está escrito. Esquece tua mãe e deixa que a esqueçam todos aqueles que quiserem realizar com sua filha infeliz uma acção de grande carinho. E, agora, retira-te.

No entanto, quando gelada de assombro ia a afastar-me dela, deteve-me e ajuntou estas palavras:

— Para preparares uma vida que começou com semelhante mancha, precisas de ser humilde, abnegada, diligente no trabalho. És diferente das outras meninas, Esther, porque, ao contrário delas, nasceste no pecado e na ira de todos. És um caso à parte.

Subi ao meu quarto, enfei-me na cama, encostei as faces da minha boneca às minhas, húmidas de lágrimas, e com aquela amiga solitária sobre o meu peito chorei até adormecer.

Minha querida boneca! E pensar em todo o tempo que depois disso passámos juntas e as vezes que lhe repeti a história do meu nascimento, e lhe confiei a minha resolução de tentar com todas as minhas forças reparar o pecado com que nascera (do qual me sentia, de uma maneira confusa, culpada e inocente ao mesmo tempo), esforçando-me por chegar a ser activa, alegre e carinhosa para fazer bem a alguém e alcançar, se me fosse possível, o carinho de alguém!

Ah! Já sequei os olhos e posso continuar em devida forma. Apesar de sentir no meu coração uma ferverosa gratidão para com minha madrinha, notei que aumentara de tal maneira a distância entre mim e ela depois do meu aniversário, e crescera de tal modo a minha sensação de que ocupava naquela casa um lugar que devia estar vago, que se me tornou mais difícil do que nunca aproximar-me dela. E essa mesma sensação experimentei em relação às minhas companheiras de escola e à senhora Raquel, que era viúva. E, portanto, em relação a sua filha, que vinha visitá-la de quinze em quinze dias, e da qual se mostrava muito orgulhosa! Eu levava uma existência muito recolhida e sossegada, e procurava ser activa em tudo.

Certa tarde de sol, regressava eu da escola, com os meus livros e a minha pasta, contemplando a minha longa sombra, que seguia a meu lado, ia subir silenciosamente ao meu quarto, quando minha madrinha assomou à porta da sala e me chamou. Vi que a acompanhava um senhor desconhecido, coisa verdadeiramente extraordinária. Era um cavalheiro volumoso, de aspecto solene, completamente vestido de preto, gravata branca, grandes sinetes de ouro pendentos da cadeia do relógio, óculos de aros de ouro e grande anel de sinete no dedo mínimo.

— A menina é esta — disse minha madrinha entre dentes; e logo, em voz natural e com a sua costumada rispidez: — Esta é a Esther, senhor.

O cavalheiro pôs os óculos para me ver, e disse:

— Aproxima-te, querida.

Estendeu-me a mão e convidou-me a tirar o chapéu. Tudo isto sem deixar de me contemplar. Quando tirei o chapéu, ele exclamou: «Ah!», e, em seguida: «Sim!» Depois, tirou os óculos, dobrou-os e meteu-os num estojo encarnado. E recostando-se no cadeirão e fazendo girar o estojo nas mãos, fez a minha madrinha um sinal afirmativo com a cabeça. E ela ordenou-me:

— Podes subir ao teu quarto, Esther!

Cumprimentei com uma mesura e retirei-me.

Devia ter sido dois anos depois, contava eu quase catorze, numa noite espantosa. A madrinha e eu estávamos sentadas junto do lume. Eu lia em voz alta e ela escutava. Como de costume, eu descera do meu quarto pelas nove horas, para lhe ler a Bíblia. A minha leitura, agora, era o Evangelho, segundo São João, quando conta que o Salvador, ao chegar à sua presença a mulher adúltera, se debruçou e escreveu com o dedo na poeira.

E como continuassem a fazer-lhe perguntas, endireitou-se e disse: «Aquele dentre vós que estiver limpo de pecado que lhe atire a primeira pedra.»

Deixei de ler, ao ver que minha madrinha se levantava; levava as mãos à cabeça e gritava com voz terrível um passo que correspondia a outra parte completamente diferente do livro:

«Vigiai, pois! Não suceda que chegue de repente e vos encontre a dormir. E vo-lo digo, e o digo a todos. Vigiai!»

Subitamente, enquanto repetia de pé, diante de mim, essas palavras, caiu no chão. Não foi necessário eu chamar; a sua voz ecoara por toda a casa e até se ouvira na rua.

Deitaram-na na cama. Assim permaneceu mais de uma semana, com mui leves alterações exteriores, com aquela expressão carrancuda e magnífica tão minha conhecida, como que gravada no seu rosto. Quantas vezes, dia e noite, com a minha cabeça junto da sua almofada, para que os meus murmúrios lhe chegassem com mais clareza, a beijei, lhe agradeci, orei por ela, pedi-lhe a sua bênção e o seu perdão, lhe supliquei que me desse a entender ao menos com um sinal que me conhecia e ouvia! Mas não; o seu rosto permaneceu imutável. Até ao último momento, e ainda além deste, a sua expressão continuou igualmente severa.

No dia seguinte ao do enterro de minha madrinha, reapareceu o cavalheiro vestido de preto com gravata branca. A senhora Raquel mandou-me chamar, e encontrei-o no mesmo sítio da outra vez.

— Chamo-me Kenge, querida menina; talvez se lembre. Kenge e Carboy, de Lincoln's Inn — disse ele.

Respondi que me recordava de já o ter visto da outra vez.

— Vejamos. Sente-se... aqui, perto de mim. Não se aflija. Nada se ganha com isso. Senhora Raquel, não faz mal que lhe diga, já conhece perfeitamente os assuntos da Menina Bárbara, que os recursos económicos de que dispunha morrem com ela, e que esta menina, visto que sua tia faleceu...

— Minha tia, senhor?

— Não vale a pena continuar com o engano, quando já nada se ganha com isso — disse o Sr. Kenge. — Tia de facto, embora não o fosse legalmente. Não se aflija! Não chore! Não tremas! Senhora Raquel, com certeza a nossa jovem amiguinha terá ouvido falar de Jarndyce e Jarndyce.

— Nunca — disse a senhora Raquel.

Eu movi negativamente a cabeça, perguntando a mim própria o que seria aquilo.

— Então, não ouviu falar de Jarndyce e Jarndyce? — insistiu o Sr. Kenge, olhando-me por cima dos óculos. — Desconhece um dos maiores pleitos da Chancelaria? Um pleito em que eu diria que entram todas as dificuldades, todas as contingências, todas as ficções, todos os problemas judiciais conhecidos? É um pleito que seria impossível em qualquer outro país que não fosse este nosso, livre e grande. Senhora Raquel — continuou ele, recostando-se no espaldar do cadeirão —, calculo que o total gasto em custas no processo Jarndyce e Jarndyce oscile neste momento entre sessenta e setenta mil libras... De modo que nunca ouviu falar do pleito? Que coisa surpreendente!

A senhora Raquel respondeu:

— Cavalheiro, a Menina Bárbara, que se encontra agora entre os serafins...

— Com certeza que sim; assim o creio — declarou o Sr. Kenge, muito cortês.

— ... desejava que a Esther não soubesse mais do que aqueles temas que lhe pudessem servir de alguma coisa.

— Bem! — disse o Sr. Kenge. — No fundo, tinha muita razão. E agora — acrescentou, dirigindo-se a mim — vamos ao que importa. A Menina Bárbara, sua única parente (parente de facto, porque legalmente não tem parente nenhum), faleceu, e como não é de esperar, em termos normais, que a senhora Raquel...

— Claro que não! — exclamou aquela senhora, precipitadamente.

— Assim é — concordou o Sr. Kenge. — Como não é de esperar que a senhora Raquel queira encarregar-se da sua manutenção e despesas (não se aflija, por favor), a menina acha-se em posição de receber a renovação de um oferecimento que, obedecendo a ordens que me deram, fiz, vai para dois anos, à Menina Bárbara e que ela rejeitou; mas que ficou expressso que era renovável em circunstâncias tão lamentáveis como as que posteriormente surgiram. E agora digo eu: acaso faltaria à minha reserva profissional se dissesse que represento em Jarndyce e Jarndyce, e fora de um pleito, um homem de sentimentos muito humanitários, que é ao mesmo tempo um homem fora do vulgar?

O Sr. Kenge tornou a recostar-se no espaldar e olhou tranquilamente para nós duas.

Dava a impressão de gostar, acima de tudo, de ouvir a sua própria voz. Eu não podia estranhar isso, porque a sua voz era melodiosa e dava grande realce a quantas palavras pronunciava. Assim se compreendia que o conhecessem por Kenge, o *Conversador*.

— Sabendo o Sr. Jarndyce da situação, que eu diria desoladora, da nossa jovem amiguinha, propõe-se colocá-la num colégio de primeira categoria, onde se completará a sua educação; terá toda a espécie de comodidades e atender-se-á o todas as suas necessidades razoáveis, e do qual sairá eminentemente apta a progredir na classe social em que... direi a Providência?... se serviu colocá-la.

Tentei falar, mas não pude, porque o meu coração se encontrava embargado, tanto pelo que ele dizia como pela sua maneira afectuosa de o dizer. O Sr. Kenge prosseguiu:

— O Sr. Jarndyce não põe condição alguma, a não ser a de que acalenta a esperança de que a nossa jovem amiga em momento algum abandonará o colégio em questão sem o advertir e sem que ele dê a sua aprovação; de que se empenhará lealmente em adquirir todos aqueles conhecimentos que são os que, em última instância, lhe hão-de servir para se desenvolver na vida; de que caminhará na existência pelas sendas da virtude e da honra, etc.

E agora ainda menos do que antes me sentia capaz de falar.

— Que diz a nossa amiguinha? Tome tempo, tome tempo! Eu calo-me para que me possa responder. Mas tome tempo.

Não preciso de repetir o que quis responder a menina desamparada a quem se brindava com tal oferecimento.

Decorreu esta entrevista em Windsor, lugar em que eu passara, segundo as minhas mais antigas recordações, toda a minha vida. Uma semana depois abandonei aquela povoação e saí, bem provida de todo o necessário, na diligência para Reading.

A senhora Raquel era pessoa excessivamente bondosa para sentir alguma comoção com a separação; mas eu, que não o era tanto, chorei amargamente. Quando por toda a despedida me deu na testa um frio beijo, que parecia uma gota gelada caída de algum portal, porque era um dia de muita neve, senti-me tão desditosa e tão culpada, que mais não pude do que agarrar-me ao seu vestido e dizer-lhe que eu bem sabia que era só minha culpa custar-lhe tão pouco dizer-me adeus.

— Não, Esther; isso não é culpa, é desgraça sua.

O trem estava junto da porta exterior do pequeno quintal (não saímos enquanto não ouvimos o ruído das suas rodas) e foi assim que me despedi dela, com o coração angustiado. Ela voltou para casa e fechou a porta, ainda antes de que me subissem as malas para a carruagem. Espreitei pela portinhola, enquanto pude ver a casa por entre as minhas lágrimas. A minha madrinha deixara à senhora Raquel o pouco que possuía. Ia realizar-se um leilão e já pendia na parte exterior, ao frio e à neve, uma velha cobertura do lar, com rosas estampadas, que tive sempre a impressão de ter sido a primeira coisa que vi na minha vida... Um ou dois dias antes, embrulhara eu a minha querida boneca no seu próprio manto e sepultara-a — quase me envergonho de o dizer — na terra do jardim, ao pé da árvore que dava sombra à janela do meu quarto. Não me restava outro companheiro senão o canário e levei-o dentro da sua gaiola.

Quando a casa já não se via, sentei-me no banco baixo da parte da frente, com a gaiola do passarinho a meus pés sobre a palha, para olhar pela janela alta. Via as árvores geladas, que pareciam formosos exemplares de mastreação de navios; os campos completamente lisos e brancos da neve que caíra durante a noite; o Sol, tão vermelho, mas que aquecia muito pouco, e o gelo, escuro como metal, nos lugares em que os patinadores tinham varrido a neve. Defronte do meu banco estava sentado, dentro da carruagem, um cavalheiro, a quem as roupas que envergava davam um aspecto muito volumoso; mas achava-se entretido a olhar pela janela e não se preocupou comigo.

Lembrei-me da minha falecida madrinha; da noite em que eu lhe lia; da maneira carrancuda, fixa e rígida como me olhava enquanto

estive de cama. De súbito, uma voz dentro do veículo produziu-me um terrível sobressalto. Dizia a voz:

— Por que diabo está a chorar?

Foi tal o meu pânico, que perdi a fala e só pude responder a cochichar:

— Eu, senhor?

Apesar de o cavalheiro da muita roupa estar a olhar pela janela, tive a certeza de que fora ele quem falara.

— Sim, a menina — disse ele, voltando-se.

— Não reparei que estava a chorar, senhor — balbuciei eu.

— Pois, estava — replicou ele. — Vamos a ver — Aproximou-se de mim pelo outro lado da carruagem até ficar na minha frente; passou pelos meus olhos uma das suas grandes mangas de pele, sem me magoar, e mostrou-me que estava húmida. — Bem. Agora, já o sabe, não é verdade?

— Sim, senhor — respondi eu.

— Então, porque chora? Acaso não vai de gosto para lá?

— Lá, aonde?

— Aonde? Para onde vai! — disse o cavalheiro.

— Vou muito contente para onde vou — repliquei eu.

— Pois então, ponha uma cara risonha.

Pareceu-me um homem muito estranho; pelo menos, o que eu vi dele era muito estranho. Ia embuçado até ao queixo; uma gorra de pele quase lhe cobria o rosto, porque tinha umas tiras laterais que lhe passavam por baixo do queixo; mas eu serenara e não sentia medo dele. Por conseguinte, disse-lhe que supunha que, se chorava, devia ser por morte de minha madrinha, porque a senhora Raquel não lamentara a nossa separação.

— Diabos levem a senhora Raquel! Deixe-a partir, voando pelos ares montada numa escova no meio de um vendaval! — exclamou o cavalheiro.

Agora é que comecei a sentir verdadeiro medo, e quedei-me a olhá-lo com grande assombro. Mas a expressão dos seus olhos pareceu-me simpática, apesar de continuar resmungando contra a senhora Raquel toda a espécie de qualificativos.

— Vejamos! — Sacou de um volume cuidadosamente embrulhado em papel. — Aqui tem um bocado do melhor pudim de passas que se pode comprar com dinheiro... Por fora, uma camada de açúcar da grossura de uma polegada, que se parece com a gordura das costeletas

de carneiro. Aqui tem um pastelinho (coisa de lambar os dedos, quer pela sua qualidade, quer pelo seu tamanho), que foi feito em França. Não sabe de que se compõe? De fígado de ganso. Isto é um pastel! Vamos a ver como lhe vai saber.

— Obrigada, senhor — respondi eu —, muito obrigada, e espero que não se ofenda; mas são coisas muito caras para mim.

— Outra birra! — exclamou o cavalheiro, sem que eu compreendesse o que queria dizer com aquilo, e atirou as duas coisas pela janela.

Não me tornou a falar até que a carruagem chegou perto de Reading; então, aconselhou-me a que fosse uma rapariga boa e estudiosa, e apertou-me a mão. Confesso que a sua retirada me causou alívio.

Quando o veículo se deteve, assomou à portinhola uma dama muito bem vestida, que pronunciou:

— Menina Donny.

— Não, senhora; Esther Summerson.

— Exactamente — disse a senhora. — Sou a Menina Donny. Compreendi então que se me apresentava com o seu apelido; pedi-lhe desculpa da minha confusão, e indiquei, a seu pedido, quais eram as minhas malas. Uma criada muito presunçosa colocou-as na parte exterior de um pequeno trem verde; feito isto, a Menina Donny, a criada e eu embarcámos, e o trem começou a andar.

— Está tudo preparado para a receber, Esther — declarou a Menina Donny. — O plano dos seus estudos foi elaborado de acordo com os desejos do seu tutor, o Sr. Jarndyce.

— De quem... falou a senhora?

— Do seu tutor, Sr. Jarndyce.

Fiquei tão desconcertada, que a Menina Donny julgou que eu estava transida de frio, e cedeu-me o seu frasco de sais para eu cheirar.

— A senhora conhece o Sr. Jarndyce... o meu tutor?

— Pessoalmente, não, Esther — respondeu a Menina Donny. — Unicamente através dos seus procuradores, Kenge e Carboy, de Londres. O Sr. Kenge é um cavalheiro muito distinto. Possui autêntica eloquência. Tem tiradas que roçam pelo majestoso.

Eu também partilhava dessa opinião; mas agora não tinha tempo para pensar nisso, porque me encontrava num mar de confusões. Estas aumentaram, porque, como chegámos rapidamente ao nosso destino, faltou-me tempo para serenar. Nunca esquecerei a atmosfera de incerteza e de irreabilidade que, essa tarde, teve para mim tudo quanto vi na Fronde (assim se chamava a casa da Menina Donny)!

Mas não tardei em habituar-me a ela. Acostumei-me tão rapidamente à rotina diária da Fronde, que dava a impressão de que já ali estava há muito tempo. A minha antiga existência em casa de minha madrinha mais me parecia uma coisa que sonhara do que vivera.

Éramos doze internas, e as Meninas Donnys eram duas irmãs gémeas. Estabelecera-se que eu deveria depender na vida das minhas aptidões como perceptora, e não só aprendi tudo quanto se ensinava na Fronde, mas também muito em breve comecei a ajudar as mestras nas tarefas do ensino. Foi esta a única diferença que se fez comigo, desde o princípio, embora em todos os restantes aspectos me tratassem como as outras da escola. Conforme ia ampliando os meus conhecimentos, ia também ensinando mais, de maneira que, consoante avançou o tempo, cheguei a ter muito trabalho, coisa que me agradava, porque com isso ganhava o carinho de todas as pequenas.

Por último, vendo que todas as alunas novas, que de começo se sentiam abatidas e desventuradas, acabavam — nem sei porquê — por se tornarem minhas amigas, confiaram-me o cuidar de todas as recém-chegadas. Elas diziam que eu era muito carinhosa; do que, porém, tenho a certeza é que elas o eram. Lembrava-me com muita frequência da decisão que tomei (no dia daquele aniversário) de me esforçar por ser activa, alegre e leal, de fazer bem a alguém e de conquistar o carinho que me fosse possível. Em verdade, quase me envergonhava de ter feito tão pouco e de ter conseguido que me estimassem tanto.

Passei na Fronde seis anos felizes e tranquilos. Graças a Deus, nos dias do meu aniversário, não vi ali nenhum rosto a dar-me a entender que melhor seria não ter nascido. Quando chegavam esses dias, davam-me tantas provas de carinhosa lembrança, que o meu quarto se embelezava com elas desde o Ano Novo até ao dia de Natal do próximo Dezembro.

Em todos aqueles seis anos não saí do colégio, excepto em excursões aos arredores durante as férias. Ao fim de uns seis meses de permanência na escola, acatei o conselho da Menina Donny de que seria conveniente que eu escrevesse ao Sr. Kenge, dizendo-lhe que me sentia feliz e agradecida; e escrevi realmente uma carta nesse sentido que submeti à sua aprovação. Recebi uma resposta formal, em que me diziam que «tomámos boa nota do conteúdo da sua estimada carta, da qual daremos cópia ao nosso cliente». Repetia por várias vezes durante o ano a remessa de uma carta semelhante à anterior, e a firma Kenge e Carboy respondia sempre da mesma maneira.

Que estranho me parece ver-me obrigada a contar tudo isto a meu respeito! Como se se tratasse da história da minha vida! Mas em breve a minha humilde pessoa passará a último plano.

Estava eu (e agora reparo que o digo pela segunda vez) havia seis plácidos anos na Fronde, vendo em todos que me cercavam, como num espelho, todas as transições do meu crescimento e da minha transformação naquele lugar, quando, certa manhã de Novembro, recebi esta carta, da qual omito a data:

Old Square, Lincoln's Inn.

Senhora,

Estando o Sr. Jarndyce, nosso cliente, prestes a receber em sua casa, segundo uma decisão do Tribunal da Chancelaria, uma pupila do tribunal que depende deste pleito, e desejando proporcionar-lhe uma companheira conveniente, encarrega-nos de informá-la de que lhe será grato poder dispor dos seus serviços para esse efeito.

Tomámos as disposições necessárias para que seja conduzida na próxima segunda-feira de manhã, pela diligência das oito, de Reading para White Horse Cellar, Piccadilly, Londres, onde a aguardará um dos nossos empregados para a conduzir ao lugar a que acima fizemos referência.

Somos, senhora, com toda a estima

Kenge e Carboy

À Menina Esther Summerson

Nunca, nunca, nunca esquecerei a comoção que esta carta produziu na casa! Foi quase superior às minhas forças o terno interesse que mostraram por mim! Que generosa bondade a do pai que não me esquecera, aplanando-me e facilitando-me assim o meu caminho de órfã, e conquistando-me tantos corações juvenis! Não o digo porque preferisse vê-los menos magoados, mas porque esse espectáculo despertava em mim sentimentos tão mesclados de satisfação, dor, orgulho, prazer e humilde pesar, que me parecia que o meu coração transbordava numa plenitude de beleza.

A carta só me avisava da minha transferência com cinco dias de antecedência. Como estava o meu coração, ao ver que cada minuto

que decorria durante aqueles cinco dias não fazia senão trazer-me novas demonstrações de carinho e bondade; e que, quando chegou a manhã da minha partida, me levaram de quarto em quarto, porque todas queriam falar-me pela última vez; e que uma me dizia: «Querida Esther, diz-me adeus aqui, junto da minha cama, que foi onde pela primeira vez me falaste com tanto carinho!» E outras pediam-me que escrevesse debaixo dos seus nomes: «Com a amizade de Esther»; e que todas me rodeavam com as suas prendas de despedida, abraçando-se a mim, entre prantos e exclamações de «Que havemos de fazer, quando já não tivermos a nossa querida Esther?»

E que dizer do momento em que as duas Meninas Donnys exteriorizaram a sua dor por terem de separar-se de mim, com o mesmo fervor que qualquer das jovens? E quando as criadas me disseram «que Deus a abençoe aonde quer que vá!»? Ou quando o velho feio e coxo jardineiro, para quem eu julgava ter passado despercebida durante todos aqueles anos, veio ofegante atrás do trem para me dar um raminho de gerânios e dizer-me que eu fora, todo aquele tempo, a luz dos seus olhos... porque foi isso que disse o pobre velho? Como não estaria o meu coração!

Mas, como é natural, depressa me ocorreu pensar que, depois de tudo quanto se fizera por mim, não devia eu chegar em lágrimas à casa aonde me dirigia. Por isso, contive os meus soluços e esforcei-me por serenar, repetindo muitas vezes: «Vejamos, Esther: não deves chorar! Não está certo que chores em semelhante ocasião!» Consegui, por fim, recobrar bastante da minha alegria, embora suponha que demorei mais do que o devido em consegui-lo. Quando refresquei os olhos com água de alfazema, estávamos a chegar a Londres.

Foi o que nos pareceu, mas a verdade é que ainda nos faltavam dez milhas; e também me pareceu que nunca chegaríamos, quando já estávamos realmente dentro da cidade. Por último, quando o trem começou a saltitar no empedrado, e de um modo especial quando observei que toda a espécie de veículos parecia lançar-se contra nós e uns contra os outros, principiei a julgar que estávamos a chegar, enfim, ao termo da nossa viagem. Pouco depois, detivemo-nos.

Um jovem, que dir-se-ia ter-se manchado casualmente de tinta, falou-me do passeio e disse:

- Menina, sou empregado de Kenge e Carboy, de Lincoln's Inn.
- Às suas ordens, senhor — respondi eu.

Mostrou-se muito obsequioso; no momento em que me dava a mão para subir a um trem, depois de vigiar a transferência das minhas malas, perguntei-lhe se havia algures um grande incêndio, porque as ruas estavam tão cheias de fumo espesso e escuro que quase não se via nada.

— De modo algum, menina — respondeu ele. — Esta é uma das particularidades de Londres.

Nunca ouvira dizer semelhante coisa.

— É o nevoeiro — acrescentou ele.

— Já percebo! — exclamei eu.

O trem conduziu-nos lentamente pelas ruas mais sujas e sombrias que eu vira neste mundo (assim o pensei), e que se encontravam num estado de confusão tão desconcertante que me assombrava que as pessoas conservassem a sua serenidade. Depressa entrámos numa tranquilidade absoluta, ao passar por debaixo de um velho arco e desembocar numa praça silenciosa. Até que chegamos a um local estranho, em que havia um portal com uns degraus amplos e íngremes, que lhe davam o aspecto da entrada de uma igreja. Com efeito, existia um cemitério na parte exterior de uns claustros, porque, da janela da escada, pude avistar umas pedras tumulares.

Eram ali os escritórios de Kenge e Carboy. O jovem cavalheiro que me acompanhava introduziu-me, através dos escritórios exteriores, no gabinete do Sr. Kenge, no qual não estava ninguém, e, muito cortês, colocou um cadeirão perto do lume para que eu me sentasse. Depois, fez-me notar que havia um espelhinho pendurado num prego, a um lado da chaminé, e disse-me com muito tacto:

— Digo-lhe, para o caso de querer arranjar-se depois da viagem, visto que vai comparecer perante o chanceler. Embora, para dizer a verdade, não precise.

— Vou comparecer ante o chanceler? — disse eu, sobressaltada.

— É uma questão de *pro forma* — respondeu o jovem. — Neste momento, o Sr. Kenge encontra-se na sala. Encarregou-me de apresentar-lhe os seus respeitos e convidá-la a tomar um pequeno refresco, entretendo-se a ler o jornal.

Em cima de uma mesinha, havia biscoitos e uma garrafa de vinho; o jovem oferecera-me o jornal, ao mesmo tempo que falava. Depois, atçou o lume e saindo da sala deixou-me só.

Tudo aquilo se me afigurava tão estranho — e a estranheza aumentava, porque se fazia noite, embora fosse dia, e porque as velas ardiavam numa chama clara, e produziam uma crua sensação de frio —, que

comecei a ler as palavras do jornal sem reparar no seu significado, e encontrei-me a ler por mais de uma vez a mesma coisa. E continuei a pensar, a pensar, a pensar; e o lume continuava a arder, a arder, a arder, e as velas continuavam a cintilar e a gotejar, sem que houvesse mão que as espevitasse... até que o jovem entrou com outras mais sujas; assim, pelo espaço de duas horas.

Por último, chegou o Sr. Kenge. Não mudara nada; mas mostrou-se surpreendido do muito que eu mudara, confessando-se muito satisfeito:

— Como vai ser a companheira de uma menina que se encontra neste momento no gabinete do chanceler, pensámos que também conviria que estivesse presente, Menina Summerson. Não perderá a serenidade por levá-la à presença do lorde chanceler, pois não?

— Não, senhor; julgo que não — respondi eu, porquanto, pensando bem, não via razão para isso.

Deu-me, pois, o Sr. Kenge o seu braço, e depois de dobrar a esquina seguimos por debaixo de uns arcos e entrámos por uma porta lateral. Depois, seguimos um corredor, entrámos numa espécie de compartimento luxuoso onde estava uma senhora nova e um jovem cavalheiro, de pé junto de uma chaminé em que ardia ruidosamente um grande lume. Um biombo separava-os do lume e junto deste conversavam.

Ambos se voltaram para me ver, quando eu entrei. Que formosa me pareceu a jovem, com o rosto iluminado pelo clarão do lume! Que esplêndida cabeleira de ouro, que doçura de olhos azuis, que radiante expressão de inocência, de sinceridade!

— Menina Ada — disse o Sr. Kenge —, aqui tem a Menina Summerson.

Veio até mim com o sorriso de boas-vindas na boca e com a mão estendida, mas pareceu mudar subitamente de intenção, e beijou-me. Numa palavra, as suas maneiras eram tão naturais, cativantes e atraentes, que poucos minutos depois de estarmos sentadas no desvão da janela, cavaqueávamos iluminadas pelo brilho da lareira, completamente livres e felizes.

Que peso se me tirava de cima! Que agradável se tornava saber que ela era capaz de confiar em mim e de simpatizar comigo! Que bondosa era ela e que ânimo me dava!

O jovem cavalheiro era seu primo afastado, segundo me disse, e chamava-se Richard Carstone. Era um belo moço, de rosto ingénuo e riso simpático; ela chamou-o para onde nós estávamos sentadas, e permaneceu de pé a nosso lado, iluminado também pelo clarão

do fogo, conversando alegremente, como rapaz de coração alegre. O facto de os três nos conhecermos pela primeira vez num lugar tão extraordinário como aquele era um bom tema de conversa, e acerca disso falámos.

Falávamos em voz baixa, porque a cada momento entrava e saía um cavalheiro vestido de gala e ornado de peruca, e nesses momentos chegava-nos de longe o rumor de uma voz; segundo o mesmo cavalheiro nos disse, tratava-se de um dos advogados do nosso pleito, que estava a fazer uma exposição perante o lorde chanceler. Disse que o Sr. Kenge não tardaria mais de cinco minutos; mas depois ouvimos muito rumor de vozes, arrastar pés, e o Sr. Kenge disse que o tribunal levantara a sessão, e que sua senhoria se encontrava no gabinete contíguo.

O cavalheiro de peruca abriu quase em seguida a porta, e pediu ao Sr. Kenge que passasse. Todos penetrámos na sala própria; o primeiro a entrar foi o Sr. Kenge, conduzindo a minha querida amiga... qualificativo que me é tão espontâneo que não posso deixar de empregá-lo. Ali estava sua senhoria, vestindo singelamente de preto e sentado num cadeirão, junto de uma mesa que estava perto do lume; a sua beca, ornada de um magnífico galão de ouro, achava-se atirada para cima de uma cadeira. Quando entrámos, dirigiu-nos um olhar perscrutador, mas as suas maneiras foram a um tempo cortesias e carinhosas.

O cavalheiro de peruca foi colocando em cima da mesa rimas e mais rimas de papéis; sua senhoria retirou uma, sem dizer palavra, e começou a folheá-la, dizendo, por fim:

— Menina Clare... Quem é a Menina Ada Clare?

O Sr. Kenge apresentou-a, e sua senhoria convidou-a a sentar-se perto dele.

— O Jarndyce de que trata agora — disse o lorde chanceler, sem deixar de folhear o processo — é Jarndyce da Casa Sombria, não é verdade?

— Jarndyce da Casa Sombria, senhor — respondeu o Sr. Kenge.

— É um nome melancólico — disse o lorde chanceler.

— Mas, actualmente, a casa não é, senhor — declarou o Sr. Kenge.

— E a Casa Sombria encontra-se em...

— Em Hertfordshire, milorde.

— E o Sr. Jarndyce da Casa Sombria não é casado?

— Não, milorde.

Um silêncio.

— O jovem Richard Carsfõne está presente? — indagou o grande chanceler, olhando para onde ele estava.

Richard inclinou-se e avançou.

— Bem! — disse o lorde chanceler, passando mais folhas.

— Se Vossa Senhoria mo permite — pronunciou o Sr. Kenge, em voz baixa —, o Sr. Jarndyce da Casa Sombria indica uma companhia conveniente...

— Para o Sr. Richard Carstone?

Não tenho a certeza, mas foi isso o que me pareceu que sua senhoria disse em voz baixa, também, com um sorriso.

— ... para a Menina Ada Clare. Trata-se desta jovem: Menina Summerson.

Sua senhoria dirigiu-me um olhar bondoso, e correspondeu com muita cortesia à minha reverência.

— Deprendo que a Menina Summerson não é aparentada com nenhuma das partes do pleito, não é assim?

— Não, Senhoria.

Mas, ainda sem acabar de falar, o Sr. Kenge debruçou-se para a mesa e cochichou qualquer coisa. Sua senhoria escutou, sem levantar a vista dos documentos, anuiu por duas ou três vezes com movimentos de cabeça, continuou folheando e não tornou a olhar-me até pouco antes de nos retirarmos.

O Sr. Kenge e Richard recuaram até onde eu estava, perto da porta, deixando sentada junto do lorde chanceler o meu encanto. (Também este qualificativo me acudiu com tal naturalidade à pena que não posso deixar de empregá-lo!) Sua senhoria conversou com ela particularmente, perguntando-lhe, segundo Ada me contou depois, se pensara bem na combinação proposta e se julgava que seria feliz sob o tecto do Sr. Jarndyce da Casa Sombria, e porque o julgava assim. Pouco depois, levantou-se delicadamente e indicou-lhe que podia retirar-se. Ainda falou uns minutos com Richard Carstone, não sentado, mas de pé, com mais naturalidade e menos cerimoniosamente, como se, apesar de ser o lorde chanceler, soubesse como chegar em linha recta à sinceridade de um mancebo.

— Perfeitamente — declarou sua senhoria em voz alta. — Assinarei a ordem. Pelo que se me afigura — e voltou a olhar para mim —, o Sr. Jarndyce da Casa Sombria soube escolher uma excelente companhia para a jovem, e parece-me que, dadas as circunstâncias, esta é a melhor combinação que se podia fazer.

Despediu-nos com grande simpatia, e saímos todos, gratos pela sua amabilidade e maneiras corteses.

Quando chegámos abaixo das colunatas, o Sr. Kenge lembrou-se de que precisava de voltar atrás para fazer uma pergunta; e deixou-nos no meio do nevoeiro, perto de onde a carruagem e os criados do grande chanceler aguardavam que este saísse.

— Bem! Isto terminou! — disse Richard Carstone. — E aonde iremos agora, Menina Summerson?

— Não o sabe? — indaguei eu.

— Nem por sombras — respondeu ele.

— E o meu amor também não sabe? — perguntei a Ada.

— Não... E a menina?

— Absolutamente nada — declarei eu.

Neste momento, aproximou-se de nós, fazendo-nos mesuras e dirigindo-nos sorrisos, com requebros de grande cerimónia, uma estranha velhinha de chapéu deformado e que trazia um saquinho de mão.

— Oh! — exclamou ela. — São os pupilos do pleito Jarndyce! Encantada, creiam, de ter esta honra. Bom agoiro para a mocidade, a esperança e a beleza, encontrar-se neste lugar, sem saber o que há-de sair daqui!

— Está louca! — cochichou Richard, sem pensar que ela pudesse ouvi-lo.

— Exactamente! Louca, jovem cavalheiro — replicou ela, com tal rapidez, que o deixou envergonhado. — Eu também fui pupila. Nesse tempo não estava louca — disse ela, com uma grande mesura e intercalando um sorriso em cada frase. — Estava cheia de juventude e de esperança. Creio que também era formosa. Isso pouca importância tem agora. Nenhuma dessas três coisas me serviu nem me salvou. Tenho a honra de achar-me todos os dias presente no tribunal. Munida dos meus documentos. Espero sentença. Em breve, o Dia do Juízo. Descubri que o sexto selo que se encontra nos livros sagrados é o nosso Grande Selo. Há muito tempo que foi aberto! Eu vos abençoo.

E como Ada estivesse um pouco assustada, eu disse à pobre anciã que lhe ficávamos muito agradecidas por tudo, e ela respondeu-me fazendo requebros:

— Sim; imagino-o. Aí vem Kenge, o *Conversador*. Com os seus documentos! Como vai vossa venerável mercê?

— Muito bem, muito bem! E agora não seja maçadora, avozinha — disse o Sr. Kenge, iniciando o caminho do regresso.



A VELHA SENHORA